

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

EDITORIAL

Com o presente número, a CANINDÉ completa sua terceira edição anual, sempre procurando atingir um bom nível de qualidade e divulgar na comunidade arqueológica os mais recentes trabalhos produzidos por alguns de seus membros. Continuamos com a política aberta, de não receber apenas contribuições de pesquisadores com alguma ligação com o MAX. Aliás, este número contempla artigos de diversos pesquisadores, ampliando, assim uma integração institucional e abrindo um canal com arqueólogos estrangeiros, do México e da Argentina.

Como já foi bastante divulgado no último Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, através do folder específico, os dois primeiros números da revista se encontram integralmente disponibilizados na Internet, na página do Museu, e a esses logo se seguirá o presente, de forma a possibilitar um amplo acesso à produção aqui veiculada.

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

EDITOR

José Alexandre Felizola Diniz

MAX, Universidade Federal de Sergipe

COMISSÃO EDITORIAL

Albérico Queiroz	UNICAP
Ana Lúcia Nascimento	UFRPe
André Prous	UFMG
Aracy Losano Fontes	UFS
Beatriz Góes Dantas	UFS
Cláudia Alves Oliveira	UFPe
Emílio Fogaça	UCG
Gilson Rodolfo Martins	UFMS
José Alexandre F. Diniz Filho	UFG
José Luiz de Moraes	MAE/USP
Josefa Eliane de S. Pinto	UFS
Márcia Angelina Alves de Souza	MAE/UDP
Maria Cristina de O. Bruno	MAE/USP
Marisa Coutinho Afonso	MAE/USP
Pedro Augusto Mentz Ribeiro	LEPAN/FURG
Pedro Ignácio Schmitz	IAP/RS
Sheila Mendonça de Souza	FIOCRUZ
Suely Luna	UFRPe
Tânia Andrade Lima	M.N/UF RJ

Pede-se permuta
Ou demande l'échange
We ask for exchange
Pede-se canje
Si richiede lo scambo
Mann bitted um austausch

Home Page: www.museuxingo.com.br

E-mail: paxingo@se.ufs.br

A revisão de linguagem, as opiniões e os conceitos emitidos nos trabalhos são de responsabilidade dos respectivos autores.

SUMÁRIO

Editorial	3
- INSTRUMENTOS LÍTICOS UNIFACIAIS DA TRANSIÇÃO PLEISTOCENO-Holoceno NO PLANALTO CENTRAL DO BRASIL: INDIVIDUALIDADE E ESPECIFICIDADE DOS OBJETOS TÉCNICOS	9
EMÍLIO FOGAÇA	
- HUELLAS DE ALTERACIONES CULTURALES EN EL HOMBRE PREHISPANICO	37
JOSEFINA BAUTISTA MARTÍNEZ	
- A TRAJETÓRIA HUMANA.	59
FABRÍZIO D' AYALA VALVA, JOSÉ ALEXANDRE FELIZOLA DINIZ-FILHO	
- ALFARERÍAS PREHISPÁNICAS DE LAS SOCIEDADES SURANDINAS DE JUJUY (NOROESTE DE ARGENTINA)	85
MARÍA BEATRIZ CREMONTE	
- RITUAIS FUNERÁRIOS E PROCESSOS CULTURAIS: OS CAÇADORES-COLETORES E HORTICULTORES PRÉ-HISTÓRICOS DO NOROESTE DE MINAS GERAIS	105
GLAUCIA MALERBA SENE	
- ESTUDO PALINOLÓGICO EM UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO NA ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA UHE GUAPORÉ/MT	135
MATHEUS DE SOUZA LIMA RIBEIRO, MAIRA BARBERI	
- CAPTAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS E INDÚSTRIA LÍTICA DE ÁGUA LIMPA, MONTE ALTO - SÃO PAULO	151
SUZANA CESAR GOUVEIA FERNANDES	
- O CANGAÇO ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA	165
ANTÔNIO FERNANDO DE ARAÚJO SÁ	

- ARTUR RAMOS: ENTRE RENDAS DE BILRO E O SERTÃO DO SÃO FRANCISCO 191
BEATRIZ GÓIS DANTAS

- AVALIAÇÃO DE ÁREAS POTENCIAIS À PRESENÇA DE SAMBAQUIS NA COSTA DO ESTADO DE SERGIPE UTILIZANDO COMO PONTO DE PARTIDA UMA COMPREENSÃO DA EVOLUÇÃO DA ZONA COSTEIRA NOS ÚLTIMOS 5.600 ANOS A. P 223
SUELY AMÂNCIO, JOSÉ MARIA LANDIM DOMINGUEZ

- A ETNOHISTÓRIA COMO ARCABOUÇO CONTEXTUAL PARA AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA ZONA DA MATA MINEIRA 245
ANA PAULA DE PAULA LOURES DE OLIVEIRA

- DOCUMENTAÇÃO CERÂMICA CONTEXTUALIZADA E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO NOS SEPULTAMENTOS PRIMÁRIOS DO SÍTIO DE ÁGUA LIMPA, MONTE ALTO, SÃO PAULO 275
MÁRCIA ANGELINA ALVES

NOTAS E RESENHAS

- NOTA PRÉVIA SOBRE TRAÇOS DE DESARTICULAÇÃO E DESCARNAMENTO EM UM ESQUELETO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FURNA DO ESTRAGO, BREJO DA MADRE DE DEUS, PERNAMBUCO 293
OLÍVIA ALEXANDRE DE CARVALHO, SHEILA MENDONÇA DE SOUZA
ALBÉRICO NOGUEIRA DE QUEIROZ, ARDILLES FÉLIX DA SILVA
MARIA APARECIDA DE MENEZES ALVES, MARIA ISABEL CHAVES SILVA

- A COLEÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ 299
VERÔNICA NUNES

- EXPOSIÇÃO ITINERANTE: XINGÓ, 9.000 ANOS DE OCUPAÇÃO HUMANA 309
ALMIR SOUZA VIEIRA JÚNIOR

INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES 315

ARTIGOS

RITUAIS FUNERÁRIOS E PROCESSOS CULTURAIS : OS CAÇADORES-COLETORES E HORTICULTORES PRÉ-HISTÓRICOS DO NOROESTE DE MINAS GERAIS¹

GLAUCIA MALERBA SENE ²

ABSTRACT

By considering the mortuary practices as a set of individual and collective attitudes during the death of a group member, we realized that the majority of these behavioural procedures haven't preserved at all. On the one hand, material evidences of these rituals are quantitatively scanty, on the other they are qualitatively symbolic not only among horticulturalists but also among hunter-gatherers. For this reason, our main aims were to study the continuity and change of the mortuary practices and to understand their symbolic and cultural mechanisms based on hunter-gatherer and horticultural societies who inhabited the Gentio cave archaeological site in northwest of Minas Gerais state from 10,000 ± 120 BP (SI6837) to 410 ± 60 BP (SI 2836). During our study we made use of theoretical postulates that allowed to understand the mortuary practices as one of the most important symbolic evidences of the archaeological context. Thus we selected some variables that permitted to investigate not only biological features of these populations, but also the meanings of mortuary structures and their relationship with the whole culture, such as: total number of burials and individuals, body treatment, sex and age distinctions, grave-goods, associated structures, and chronological and spacial positions.

Palavras-chave: arqueologia pré-histórica, rituais funerários, antropologia biológica

* Este artigo corresponde a uma síntese de nossa dissertação de Mestrado em Arqueologia, junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Defendida em 1999, o citado trabalho foi apresentado na Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), em Recife, em setembro do mesmo ano.

** Pesquisadora do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), Rio de Janeiro
Rua Dona Maria, 29/108, Tijuca, Rio de Janeiro, RJ - 20541-030 Tel.: (21) 2238-3215
gmalerba@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao entendermos ritual funerário como um conjunto de atitudes individuais e manifestações coletivas por ocasião da morte de um membro do grupo, percebemos que grande parte destes procedimentos não se preserva materialmente. Se, por um lado, as evidências materiais destas manifestações ritualísticas são quantitativamente escassas, por outro, são qualitativamente simbólicas não só entre os grupos horticultores mas também entre os caçadores-coletores. Para tanto, objetivamos entender os mecanismos culturais e simbólicos que regem tais sociedades pré-históricas no que se refere aos rituais funerários, buscando embasamento teórico na arqueologia e na etnografia.

Evidentemente, não pretendemos realizar um trabalho puramente teórico. Desta forma, utilizamos os dados sobre os remanescentes ósseos humanos e demais evidências culturais provenientes das escavações no sítio arqueológico Gruta do Gentio II (MG-RP-6) (cf. MACHADO et alii, 1981/2, DIAS JR., CARVALHO, 1981/2). No entanto, não objetivamos fazer uma análise das características biológicas da população local, embora algumas informações deste gênero sejam utilizadas. Foram, então, um meio para conhecermos os rituais funerários do sítio em questão.

Efetivamente, então, nosso objetivo principal foi a reconstituição dos rituais funerários dos caçadores-coletores e horticultores que habitaram o sítio arqueológico Gruta do Gentio II (MG-RP-6) entre 10.000 e 400 AP, considerando como variáveis (inumação e cremação), os tipos de sepultamentos (primário, secundário e indeterminado), o sexo (masculino, feminino e indeterminado), a idade (criança, adolescente, adulto e idoso), os acompanhamentos funerários e as estruturas associadas (quantidade, qualidade, variedade e matéria-prima), tendo como base os remanescentes ósseos humanos das ocupações pré-históricas de caçadores-coletores e horticultores. As categorias de espaço (áreas ocupacionais da gruta) e tempo (camadas estratigráficas) também foram consideradas e cotejadas com as variáveis anteriormente citadas, tornando-se essenciais para a realização desse trabalho, que visa compreender os processos de continuidade e mudança na pré-história, a partir das práticas mortuárias e seus respectivos significados. Dado o grande número de variáveis a serem consideradas neste tipo de trabalho, selecionamos as que mais se adequavam aos objetivos e às limitações desse estudo. O termo limitações refere-se ao fato de que o sítio Gruta do Gentio II não foi sistematicamen-

te analisado; algumas análises preliminares já foram feitas, mas ainda não foram publicadas.

O potencial do estudo dos rituais funerários entre populações caçadoras-coletoras e horticultoras tem sido pouco explorado na literatura brasileira. Na maioria das vezes, as práticas mortuárias são subdivididas em subsistemas menores, os quais, por sua vez, são analisados e descritos sem relação com o todo – o sistema humano, ou até sem vinculação com os demais componentes do mesmo.

O modelo de sistemas humanos justifica seu uso como instrumento analítico que enfatiza (entre outros pontos) o papel da biologia humana e sua inter-relação com o desenvolvimento cultural humano (STICKEL, 1982, p.6).

O interesse pelo estudo das práticas mortuárias, muitas vezes definidas como padrões de enterramento, tem sido evidenciado nos trabalhos científicos de MACHADO (1984,1990,1992,1995), MACHADO, SENE E SILVA (1991,1993), KNEIP e MACHADO (1992,1993). Assim, sobre as inferências que podem ser obtidas a partir da análise dos sepultamentos e quais variáveis são pertinentes ao estudo, MACHADO (1995, p.112) assim estabelece:

Através da análise dos sepultamentos e dos esqueletos humanos preservados em contextos culturalmente definidos pode-se tentar inferências sobre a estrutura social e a organização das sociedades pré-históricas (...). Para classificar e sistematizar as formas de sepultamento, consideramos as seguintes variáveis de acordo com as características próprias dos sítios arqueológicos : a) tipo de sepultamento e tratamento dado ao corpo; b) características das diferentes condições em que foi depositado o corpo; c) características dos diferentes elementos colocados com o corpo no sepultamento (número e tipo de acompanhamento funerário); d) localização espacial dos sepultamentos, em relação às demais estruturas evidenciadas no sítio arqueológico, e) orientação magnética e f) forma e dimensões das covas.

Além da citada autora, mais recentemente MONTARDO (1995) em sua dissertação de mestrado sobre práticas funerárias, demonstrou seu interesse em estudar os sepultamentos enquanto vestígios do ritual funerário, buscando apontar a variabilidade das práticas funerárias.

Tais aspectos têm sido mais ampla e exaustivamente discutidos na literatura estrangeira desde o final do século XIX por Tylor e Frazer, este último tendo publicado o primeiro estudo comparativo sobre práticas mortuárias, buscando, no entanto, mais similaridades do que diferenças culturais, o que demonstrava a fragilidade do trabalho. Só no início do século XX, autores como HERTZ (1907) e MALINOWSKI (1925) (apud BINFORD, 1972) e posteriormente VAN GENNEP (1996 [1932]) dedicaram atenção às diferenças em rituais mortuários em contextos culturais distintos.

Mais recentemente, TAINTER (apud STICKEL, op. cit., p.7) apresenta uma análise do simbolismo nas práticas mortuárias e mostra como elas refletem sistematicamente os diferentes contextos culturais do meio-oeste, centro e sul da Califórnia e Havaí. O autor também critica a utilização dos acompanhamentos funerários como único elemento para a detecção de diferenciação social – *status*. “O ritual mortuário é um processo de simbolização e a natureza de um símbolo é tal que a relação entre a forma de um símbolo e seu referente é arbitrário” (id., ibid., p.7).

Segundo MIREs (s.d.), um corpo de teoria tem sido desenvolvido para auxiliar a reconstrução dos sistemas sociais que deram origem aos costumes mortuários, dentre eles BINFORD (op. cit.) e SAXE (1970).

A maior pressuposição deste corpo de teoria é que a resposta de um grupo social à morte de um de seus membros produziria uma ligação previsível entre o *status* do indivíduo durante sua vida, isto é, sua pessoa social (BINFORD, ibid., p.221)

Contudo, nossa perspectiva analítica e interpretativa não pretende propor modelos gerais e equilibrados para as populações caçadoras-coletoras e horticultoras, mas quer chamar a atenção para a necessidade de vinculação definitiva da análise e interpretação dos rituais funerários, enquanto componente biológico, aos demais componentes (subsistemas) material, tecnoeconômico, social, ideológico, psicológico e comunicacional do sistema humano num ambiente específico (STICKEL, ibid., p.17).

A proposta de BINFORD (1972, p.220-2) para o estudo das práticas mortuárias, sugere que o tratamento funerário diferenciado pode ser entendido a partir de quatro variáveis principais, a saber: sexo, idade, *status* e filiação social. Estas, por sua vez, podem ser combinadas com

outras de importância secundária, dependendo do caso a ser analisado, dada a heterogeneidade dos rituais funerários intra e inter sociedades.

A heterogeneidade nas práticas mortuárias que é característica de uma única unidade sócio-cultural variaria diretamente com a complexidade da hierarquia de *status*, tanto quanto com a complexidade de toda a organização da sociedade. (BINFORD, *ibid.*, p.222)

De acordo com o citado autor quanto maior o *status* do morto, maior será o grau de envolvimento da comunidade nas atividades dos rituais e conseqüentemente maior será o dispêndio de energia para realizá-las.

Verificamos que o estudo de contextos funerários é um tema propício para entender *status*, hierarquia, diferenciação social e econômica e questões semelhantes. Deve-se observar, porém, que os problemas são hoje vistos como muito mais complexos e que os contextos funerários são examinados como parte de configurações sociais totais (MENESES, 1983).

TAINTER (1974), por sua vez, acrescenta que o dispêndio de energia deveria ser refletido por características do enterramento como tamanho e grau de elaboração da sepultura, método de manuseio e disposição do corpo e a natureza dos acompanhamentos funerários. Neste sentido, enfatiza ao autor que “a quantidade de energia gasta no cerimonial mortuário é o elemento arqueológico chave que reflete as variações na estrutura hierárquica na pré-história”.

O’SHEA (1984, p.39-41 apud MONTARDO, *op. cit.*, p.22-3) apresenta seis categorias gerais para o estudo dos rituais mortuários, a saber: (1) aspectos biológicos (número de indivíduos, sexo e idade de cada um), (2) preparação e tratamento do corpo (tipo de disposição do corpo, cremação/inumação, posição, se estiver articulado, padrão de associação dos ossos, se desarticulados, número de indivíduos em cada receptáculo, tratamentos anteriores ao enterramento, tais como descarne, mutilações, exposição, exumação e enterramento secundário), (3) características da sepultura ou cova (forma, dimensões, profundidade, orientação cardinal, cobertura, preenchimento), (4) acompanhamentos funerários (variedade, quantidade, qualidade, tipo de material), (5) localização (macro - se a área está relacionada a áreas de outras atividades ou a outras áreas de enterramento, meso - distribuição espacial entre os enterramentos de uma mesma área de deposição e micro - distribuição espacial de cada unidade) e (6) aspectos ambientais (condições ambientais ao tempo do enterramento

como, por exemplo, a estação do ano, através de vestígios de pólen, larva de insetos, etc).

Haja vista o número de variáveis que deveriam ser consideradas no estudo das práticas mortuárias, o maior problema seria quais parâmetros usar para selecioná-las a ponto de fazer a escolha certa. Acreditamos, pois, que devam ser aquelas que mais se adequam ao caso de estudo de cada pesquisador.

Da mesma forma, são muitas as variáveis necessárias para se alcançar uma coerente interpretação dos rituais funerários, também são inúmeras aquelas que influenciam e promovem mudanças, de menor ou maior escala, no seio das comunidades caçadoras-coletoras e horticultoras. É fundamental que todas ou boa parte delas sejam consideradas para que os objetivos pré-estabelecidos possam ser atingidos e conclusões pertinentes e passíveis de credibilidade possam também ser aventadas.

Consideramos também que um amplo conhecimento da estrutura e organização das sociedades caçadoras-coletoras e horticultoras seja muito importante para que as variáveis escolhidas possam ser adequadamente estudadas e equacionadas ao longo do processo de análise.

No caso do sítio arqueológico Gruta do Gentio II, situado no noroeste de Minas Gerais, nossa unidade de análise, em quatro etapas de escavação foi possível identificar dois horizontes culturais $\frac{3}{4}$ um, mais antigo, de caçadores-coletores e outro, mais recente, de horticultores $\frac{3}{4}$ cujas datações, que variam aproximadamente 10.000 a 7.000 AP e 3.500 a 400 AP, coadunam-se com os demais trabalhos de pesquisa já realizados na região (cf. DIAS JR, 1976/7, BIRD, DIAS JR, CARVALHO, 1991, PROUS, 1992).

Contudo, algumas dúvidas ultrapassam este quadro arqueologicamente definido e delimitado: (1) da mesma forma que parece ocorrer uma clara distinção entre os sistemas culturais – caçador-coletor e horticultor – no sítio em questão, será que isto também ocorreu ao nível dos costumes mortuários, já que tem sido acentuado por diversos autores que há uma grande variabilidade nas práticas funerárias, não só em sítios arqueológicos próximos, mas também em camadas estratigráficas de um mesmo horizonte. Se mudanças ocorreram ao longo de mais de 5.000 anos de ocupação, principalmente ao nível desses rituais, elas poderiam ser arqueologicamente diagnosticadas e simbolicamente interpretadas e as causas a elas associadas poderiam ser processualmente reconhecidas?

Considerando a problemática relacionada ao estudo dos rituais funerários, à continuidade e mudança de suas manifestações, ao inter-relacio-

namento destas ocorrências específicas com a dinâmica caçadora-coletora e horticultora dentro de uma perspectiva sincrônica e diacrônica, buscamos algumas respostas específicas para a continuidade de algumas práticas funerárias e para a diminuição da frequência de outras, ao longo dos horizontes culturais distintos do sítio arqueológico Gruta do Gentio II. Muitos autores, alguns já citados anteriormente, propõem diferentes interpretações, mas tais sugestões à medida que analisadas e julgadas coerentes serão oportunamente apresentadas no corpo deste trabalho.

Ainda permanecem algumas questões cruciais: até onde nós podemos ir para a aquisição de um conhecimento objetivo do passado e que certeza nós podemos ter da acurácia daquilo que acreditamos saber sobre ele, dada a propensão dos julgamentos de valor a colorir nossas interpretações (TRIGGER, 1989, p.381).

Embora tivéssemos empregado os pressupostos teóricos da arqueologia processual (teoria dos sistemas, estudos etnográficos) e pós-processual (importância do indivíduo, valorização dos aspectos simbólicos), consideramos como fundamentais aqueles da arqueologia social cognitiva, que acrescentou novas reflexões a respeito do conteúdo simbólico dos rituais funerários. A abordagem simbólica já vinha sendo enfocada pelo pós-processualismo e tomou um novo impulso com a sistematização de seus pressupostos teóricos a partir dos anos noventa. Para isto, autores como RENFREW, BAHN (op.cit.), PEEBLES (1992), GARDIN (1992), entre outros têm sido uma participação fundamental.

Segundo RENFREW e BAHN (op.cit.), a arqueologia cognitiva é o estudo das formas de pensamento do passado a partir de remanescentes materiais. Ela procura incorporar a informação sobre os aspectos simbólicos e cognitivos, reconhece que a ideologia é uma força ativa dentro das sociedades, vê a cultura material como um fator ativo na constituição do mundo no qual vivemos, já que os indivíduos e as sociedades constroem sua própria realidade social. A arqueologia cognitiva tem um lugar importante dentro dessa construção, pois leva em conta o papel criativo do indivíduo, sem atingir a extrema subjetividade e considera que a construção de leis gerais não é adequada para a arqueologia.

GARDIN (op.cit.) acentua a importância da ciência cognitiva no discurso científico, pois se estamos falando sobre as pessoas, nós necessaria-

mente deveríamos pensar na reconstituição das construções simbólicas e dos modos de pensamentos dessas pessoas no passado.

Qualquer prática social é completamente simbólica, e não há instrumento, nem atividade, nem produto que seja verdadeiramente vazio de significado (...). É essencial considerar esta dimensão simbólica como a mais importante e construir hipóteses que permitem recuperar seu significado, pelo menos em parte (MOLINO, 1992, p.22).

RENFREW e BAHN (op. cit.) reconhecem a impossibilidade de se inferir o significado de um símbolo dentro de uma cultura específica, através de um único objeto. Há a necessidade de a princípio ver como ele é usado e vê-lo no contexto, em associação com outros símbolos. “As coisas que nós encontramos em parte no registro arqueológico são produtos dos pensamentos e intenções humanas e isto oferece tanto potencialidades quanto problemas em seu estudo” (id., *ibid.*, p.370).

A cultura material é um fenômeno cultural codificado duas vezes : uma vez na mente do artesão e a outra na forma física do objeto. Essa dupla codificação permite comparar três fenômenos culturais, ou seja, seus aspectos cognitivos e comportamentais (NEWTON, 1987, p.15).

Os autores citados acima acentuam ainda que existe em cada mente humana uma concepção de mundo, uma estrutura interpretativa, um mapa cognitivo. Assim, uma comunidade na qual as pessoas vivem juntas, compartilham da mesma cultura, falam a mesma língua, freqüentemente possuem a mesma visão do mundo – um mapa cognitivo comum.

A partir dessa explanação, podemos verificar que o estudo dos rituais está mais intimamente relacionado aos símbolos de valor e poder nas relações entre os seres humanos, o que é difícil de demonstrar entre sociedades de economia não monetária. Neste caso, a etnografia pode auxiliar, mas não muito, já que para esse período não há estudos etnográficos nem registros escritos. Ademais, os rituais funerários, nosso tema de estudo, podem ser interpretados a partir da perspectiva simbólica, que trata das relações humanas com o outro mundo. Neste caso, o arqueólogo depara-se com o problema de que nem sempre o sistema de crenças religiosas se faz representar na cultura material (sociedades caçadoras-coletoras, por exemplo).

O estudo da cultura material é o estudo do material para entender a cultura, descobrir as crenças – os valores, as idéias, as atitudes e as suposições – de uma comunidade particular ou sociedade num dado tempo (PROWN, 1993, p.1).

No estudo dos rituais, devemos direcionar nossa atenção para alguns indicadores arqueológicos: (1) os rituais podem realizar-se em lugares especiais ou com características naturais importantes (grutas, cavernas, topo de montanhas, etc); (2) alternativamente, os rituais podem situar-se também em construções especificamente feitas para eles (templos ou igrejas); (3) a estrutura e o equipamento usado para o ritual sejam eles fixos (fogueiras ou igrejas) ou móveis (luzes, vasos, roupas, sinos, etc); (4) a área sagrada é provavelmente rica em símbolos repetidos, (5) presença de figuras de animais, muitas vezes considerados como sagrados ou símbolos de poder ou de *status*; (6) o ritual geralmente envolve gestos, orações, danças, músicas, manifestações de dor, que podem estar refletidos na arte local; (7) sacrifício de animais; (8) comida e bebida podem ser depositadas ou queimadas; (9) outros objetos materiais podem ser trazidos e oferecidos pos ocasião do ritual, sendo quebrados ou mantidos inteiros, (10) a opulência pode ser refletida pela profusão de equipamentos usados, oferendas feitas nas instalações locais (cf. RENFREW, BAHN, op. cit.).

A abordagem cognitiva, quando enfoca necessariamente os rituais mortuários também defende a importância dos mesmos como base para interpretações sociais, através do estudo dos acompanhamentos funerários como forma de se obter informações sobre riqueza e *status* dentro da comunidade, especialmente entre sociedades mais segmentárias. Estas associações entre os membros da comunidade e as oferendas também correspondem a uma parte das atividades simbólicas.

O processo de produção e uso de um objeto representa “princípios gerais” que são mapas cognitivos não só de concepções ideológicas, mas também de ação social. Em arqueologia, estes mapas de ação social são sugestivos de estratégias de identificação social ao redor das quais fronteiras entre diferentes grupos são estruturadas. Neste sentido, a cultura material não é neutra mas ocupa um papel central na representação de relações sociais (CONKEY, 1989, p.151 apud WRIGHT, 1993, p.247).

No contexto dos rituais funerários, a cultura material representada por objetos rituais e algumas vezes preparada unicamente para a cerimônia mortuária, apresenta de maneira geral um maior conteúdo simbólico (cf. NEWTON, op.cit.).

Naturalmente, os acompanhamentos funerários tinham um significado social, mas também estão carregados de implicações sobre a maneira pela qual as comunidades que os produziram concebiam sua própria mortalidade, o que é uma parcela importante do mapa cognitivo (RENFREW, BAHN, op.cit., p.394)

Em suma, utilizamos com base teórica os pressupostos da arqueologia processual, pós-processual e arqueologia social cognitiva que se complementam em diferentes aspectos e contribuíram conjuntamente para a realização de um trabalho teoricamente mais completo em arqueologia pré-histórica, e especificamente no estudo de práticas mortuárias.

A associação entre teoria dos sistemas e cognição cujos pressupostos foram elaborados em momentos diferentes da história da arqueologia, surgiu-nos pelo próprio tema do estudo – os rituais funerários, pois, ao mesmo tempo, que correspondem a uma parte específica – componente biológico – do sistema, também se inter-relacionam com outros subsistemas, o social, o ideológico (simbolismo), o econômico, dentro de um contexto ambiental específico.

A realidade é apreendida pela razão. Ela, no entanto, não é totalmente coesa.. Faltar-nos-ia a possibilidade de entender o real como um todo de uma só vez. Assim, a apreensão racional da realidade é feita através das partes que a compõem, ou seja, o todo é composto pela soma das partes (...). Assim, todo processo cognitivo é orientado para ser feito a partir da compreensão isolada de cada parte componente do todo em análise (CONSENS, 1992, p. 19).

Ao tentarmos detectar a continuidade e a mudança dos rituais funerários, verificamos também que as explicações não podiam prender-se às amarras de uma única corrente teórica. Para tanto, procuramos estudar, analisar e confrontar os postulados científicos de escolas variadas e percebemos que eles se complementavam na grande maioria de seus pressupostos teóricos. Assim, pudemos integrar simbolismo, cognição com a sub-

sistência, a economia e o social para compormos, na medida do possível, uma visão integrada da sociedade caçadora-coletora e horticultora.

Podem-se focar as forças biológicas na vida humana, e se podem construir explicações para o lugar dos seres humanos dentro do seu ecossistema. Podem-se focar amplamente os aspectos culturais e sociais e as dimensões simbólicas da existência humana e pode-se procurar compreender em termos de conhecimento e de suas representações. Além disso, em relação aos níveis cultural e biológico de análise, um nível cognitivo deve ser acrescentado aos métodos de pesquisa na pré-história (PEEBLES, 1992, p.59).

MATERIAIS E MÉTODOS

As evidências materiais analisadas foram os remanescentes ósseos humanos e os demais elementos culturais a eles associados provenientes do sítio arqueológico Gruta do Gentio II.

Com relação aos métodos de abordagem, enfatizamos que a dedução ocupou um papel de destaque na estruturação teórica do trabalho, da mesma forma que a indução, já que ambos são essenciais para a composição de um estudo verdadeiramente científico. Já quanto aos métodos de procedimento, empregamos o analítico, o estatístico e o comparativo. No caso, toda a metodologia utilizada na análise dos remanescentes ósseos humanos foi a mesma utilizada por MACHADO (1984, 1990, 1992).

DORAN (1986, p.21 apud COWGILL, 1994, p.74), os métodos são caracterizados pela combinação de abstração, sistematização e exatidão. Ao nosso ver, os métodos, ao mesmo tempo, que permitem a obtenção dos dados e informações a partir de um corpo teórico previamente definido, também são os que viabilizaram a transformação dos dados (observações arqueológicas) em fontes de conhecimento (interpretação).

O UNIVERSO ESTUDADO: A GRUTA DO GENTIO II

O sítio arqueológico Gruta do Gentio II (MG-RP-6) (16° 15' S / 46° 02' W) foi descoberto durante a Frente Operacional VII do Programa Nacional de Pesquisas no Vale do São Francisco (PROPEVALE), no ano de 1973,

ocupacionais, devidamente associadas a dois horizontes culturais – um, mais antigo, de caçadores-coletores (camadas II, III e IV) e outro, mais recente, de horticultores (camada I) – cujas datações, que variam aproximadamente 10.000 a 7.000 AP e 3.500 a 400 AP, coadunam-se com os demais trabalhos de pesquisa já realizados na região. (FIGURA 3)



Figura 2. Entrada da Gruta do Gentio II

OS RITUAIS FUNERÁRIOS NOS HORIZONTES CAÇADOR-COLETOR E HORTICULTOR

Do total de noventa e cinco (95) enterramentos e cento e setenta e seis (176) indivíduos do sítio arqueológico Gruta do Gentio II, observou-se que o horizonte mais antigo, o caçador-coleto, *a priori* representado por três ocupações culturais ao longo do tempo, relacionadas às três camadas estratigráficas de números II, III e IV, apresentou-se constituído por vinte e seis (26) enterramentos e trinta e oito (38) indivíduos, correspondendo respectivamente a 27,5% e 21,5% dos totais de enterramentos e de indivíduos. Quanto ao horizonte horticultor, há sessenta e nove (69)



Figura 3. Área interna da Gruta, início das escavações (1976)

enterramentos e cento e trinta e oito (138) indivíduos, correspondendo a 72,5% e 78,5% respectivamente.

O tratamento dado ao corpo apresentou diferenciações em quantidade e variedade. No entanto, tanto o costume mortuário de inumar quanto o de cremar esteve presente nos horizontes caçador-coletor e horticultor. Entre os grupos caçadores-coletores, a prática de inumação correspondeu a 35% do total de enterramentos desse horizonte, enquanto entre os horticultores equivaleu a 80%. Já a cremação representou 65% das práticas funerárias no horizonte caçador-coletor e 20% no horticultor.

Quanto ao costume mortuário de inumar, observou-se que os enterramentos primários corresponderam a 15,5% no horizonte caçador-coletor contra 23% no horticultor, o tipo secundário equivaleu a 19% no caçador-coletor e 48% no horticultor e o tipo que não pôde ser determinado não ocorreu entre os caçadores-coletores, mas representou 8,5% da prática de inumação entre os horticultores.

A cremação do tipo primário (Antes da Decomposição dos Tecidos Moles - ADTM) representou 27% das práticas mortuárias do horizonte caçador-coletor e 6% do horticultor. Já aquela do tipo secundária (Pós-Decomposição dos Tecidos Moles - PDTM), correspondeu a 38,5% dos costumes funerários do horizonte mais antigo contra 14,5% do mais recente.

Segundo MACHADO (1990) em seu trabalho sobre as práticas de cremação em Minas Gerais, a autora assinala que no caso do horizonte caçador-coletor do sítio em questão observa-se que 82,5% dos enterramentos foram cremados no próprio local e 17,5% deles foram queimados em outro local e re-depositados na Gruta. A maioria desses enterramentos, pelas marcas deixadas nos ossos, foram cremados já sem os tecidos moles (secundário PDTM). Quanto ao horizonte mais recente, a citada autora demonstra que ocorreu o inverso, sendo que 40% dos enterramentos cremados foram queimados na própria Gruta e 60% deles foram cremados em outro local e re-depositados no local em questão.

Quanto às diferenciações sexuais, observa-se que os indivíduos masculinos correspondem a 18,5% no horizonte caçador-coletor e 21% no horticultor. Os femininos representaram 10,5% entre os caçadores-coletores e 19%, entre os horticultores. Já os de sexo indeterminado corresponderam a 71% no horizonte caçador-coletor e 60% no horticultor. Esse alto índice percentual relaciona-se às crianças e aos adolescentes cuja diagnose de sexo não é metodologicamente indicada, já que as características diagnósticas não estão completamente definidas na estrutura óssea.

No que se refere à idade, constatou-se que as crianças representaram 34,5% dos indivíduos no horizonte caçador-coletor e 43,5% no horticultor, os adolescentes 13% no primeiro e 8% no segundo, os adultos 52,5% e 47% e, por fim, os idosos que corresponderam a 0% dos indivíduos no horizonte caçador-coletor e 1,5% deles no horticultor.

As estruturas associadas apresentam-se relacionadas a 46% dos enterramentos do horizonte caçador-coletor e a 60% dos do horticultor, constituindo-se na maioria por fogueiras e conjuntos de blocos calcários ao redor da cova. Os acompanhamentos funerários, por sua vez, foram evidenciados junto a 38,5% dos enterramentos do horizonte caçador-coletor e a 71% dos do horizonte horticultor. As estruturas associadas e principalmente os acompanhamentos funerários apresentaram-se em maior quantidade, qualidade e variedade no horizonte mais recente que no mais antigo.

Quanto à distribuição espacial, observamos que as comunidades caçadoras-coletoras e horticultoras utilizaram mais as áreas intermediária e interna da Gruta do Gentio II. Desta forma, verificou-se que comparativamente não houve nenhum enterramento no horizonte caçador-coletor depositado na área externa. Ao contrário, 26% dos sepultamentos dos gru-

pos horticultores estão nesta área. Na porção intermediária da Gruta, foram evidenciados 34,5% dos enterramentos do horizonte caçador-coletor e 65% dos do horticultor. Na área interna, estão localizados 65,5% dos sepultamentos das comunidades caçadoras-coletoras e 9% daqueles dos horticultores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos os processos culturais de continuidade e mudança dos rituais funerários em horizontes culturais de caçadores-coletores e horticultores pré-históricos, tínhamos consciência não só do potencial e das limitações desse estudo. Evidentemente, procuramos acreditar mais no potencial mas também das limitações para que nossa pesquisa pudesse prosseguir de forma teoricamente orientada.

Embora tivéssemos conhecimento das inúmeras variáveis que são importantes para a compreensão dos significados das práticas mortuárias, procuramos selecionar aquelas que, ao nosso ver, mais se adequavam ao nosso caso de estudo. Assim, consideramos como variáveis o número de enterramentos e de indivíduos, o tratamento dado ao corpo, os tipos de enterramento, as diferenciações sexuais e etárias, os acompanhamentos funerários, as estruturas associadas e as distribuições espaciais e temporais para cada um dos horizontes culturais. Evidentemente, a reconstituição total das sociedades caçadoras-coletoras e horticultoras da Gruta do Genio II não foi possível, mas várias observações e conclusões a respeito dos seus rituais funerários permitiram-nos conhecer um pouco mais sobre outros subsistemas do sistema humano, dentre eles: o sociólogo, o material, o tecnoeconômico e o ideológico (STICKEL, 1985). Neste sentido, é fundamental observarmos que todas atividades humanas possuem significados, se não podemos depreendê-los completamente, é importante que o façamos pelo menos em parte (MOLINO, 1992).

Dadas as frequências comparativas entre os horizontes caçador-coletor e horticultor, procedemos um cruzamento de dados a fim de observarmos a existência ou não de alguma recorrência que pudesse fornecer-nos informações a respeito da estrutura simbólica dos rituais funerários entre as populações caçadoras-coletoras e horticultoras.

Primeiramente, consideramos que o significado do número reduzido de enterramentos e indivíduos no horizonte caçador-coletor quando com-

parado ao horticultor, já que ambos tiveram aproximadamente a mesma duração temporal de 3.500 anos, parece adequar-se às características intrínsecas dessas comunidades.

Os grupos caçadores-coletores ocuparam a região, de modo especial a Gruta do Gentio II, por volta de 10.000 anos A.P., já teoricamente considerado como período holocênico. Entretanto, as características ambientais do final do Pleistoceno deveriam ter permanecido até cerca de 7.000 anos A.P., como parece ter ocorrido em área vizinha, a de Varzelândia, mais ao norte de Minas Gerais (MENEZES, 1997, p.225). O ambiente deveria ser mais seco e com condições térmicas talvez mais baixas que as atuais, tendo repercutido na flora, na fauna e na vida humana. Boa parte do cerrado possivelmente era compartilhada com a caatinga. A fauna embora similar à contemporânea estaria adaptada às condições vigentes. Os cursos d'água seriam menos caudalosos. O número de cursos intermitentes seria mais expressivo que os atuais em função da pouca precipitação e do elevado índice de evaporação.

Esses fatores teriam, então, repercutido na densidade demográfica dessas populações, demonstrada pelo pequeno número de indivíduos no horizonte caçador-coletor do sítio em questão. Ademais, acreditamos também que as condições ambientais precárias para as populações caçadoras-coletoras que habitaram a região nesse período, caracterizada por mais rigidez ambiental (seca), poderiam ter reduzido a taxa de fertilidade das mulheres como ocorre entre grupos caçadores-coletores atuais de regiões desérticas da África e Austrália.

O horizonte horticultor, por sua vez, apresenta um número de indivíduos quatro vezes maior que o caçador-coletor, o que estaria de acordo com a estrutura geral das comunidades que conhecem e praticam uma agricultura mesmo que incipiente. A elevada densidade demográfica é considerada como o resultado de um processo de estabilidade alimentar durante todo o ano e o baixo índice de deslocamentos em busca de suprimentos. É bem verdade que essas comunidades não eram completamente sedentárias, pois ainda utilizavam a coleta de frutos silvestres e insetos, que entre outras complementavam sua dieta. Supomos, então, que isto associado ao clima mais ameno, semelhante ao atual, explicaria em parte a elevada população das comunidades horticultoras que ocuparam a Gruta do Gentio II no período de aproximadamente 3.500 a 500 anos A.P.

Ao considerarmos o tratamento dado ao corpo, percebemos, então, que houve continuidade tanto da prática de inumação quanto da de cre-

mação. No entanto, há de se acentuar que estas ocorreram com características e freqüências diferenciadas. Assim, a cremação era o tratamento funerário mais freqüente entre as comunidades caçadoras-coletoras enquanto a inumação o era entre as horticultoras.

Evidentemente, ao refinarmos o estudo do tratamento dado ao corpo a partir da especificação dos tipos de enterramentos evidenciados nos horizontes culturais do sítio, observamos que para a prática de inumação os enterramentos do tipo secundário apresentam-se em maior intensidade, de modo especial no horizonte horticultor o que demonstraria a importância do ritual funerário para essas sociedades. Este tipo de sepultamento acarretaria um maior dispêndio de energia e a necessidade de um maior número de pessoas da unidade familiar para a preparação e realização do segundo funeral. No horizonte mais antigo, a diferença percentual entre os tipos primário e secundário foi pequena, enquanto no mais recente ela mostrou-se bastante acentuada.

Entre os horticultores, o tratamento dado ao corpo após a morte do indivíduo (enterramento primário) foi preferencialmente conferido às mulheres, embora haja homens, em menor número que receberam tal cuidado. Destacamos duas ocorrências que parecem expressar significados diferenciados. Tratam-se dos enterramentos de dois indivíduos femininos (n^{os} 4 e 12), os únicos idosos de todo sítio, que apresentaram farto e diferenciado acompanhamento funerário, tendo sido cuidadosamente depositados em área mais interna da gruta, suscitando possivelmente um desejo do grupo de protegê-los. O enterramento 4 teve a idade diagnosticada entre 60 e 70 anos enquanto o 12, em mais de 50 anos, este último destaca-se ainda mais por apresentar uma grande enxó fragmentada – instrumento para desbastar madeira – junto ao corpo que poderia ter sido de uso próprio ou de um parente próximo, sendo a fragmentação decorrente da utilização exacerbada ou intencional, significando possivelmente o fim da vida (cf. UCKO, 1969). Destacam-se os esqueletos de dois pequenos animais sobre os pés, sendo um de ave, o qual poderia ser um animal de estimação, presença de sabugos de milho e cabaça, podendo ser evidências materiais relacionadas com a preocupação em alimentar o morto durante sua passagem para outra vida, além de pendentes e adornos atípicos que se sobressaíram pela quantidade, qualidade e variedade. Autores como RODRIGUES (1983) e UCKO (op. cit.), entre outros, têm apresentado exemplos etnográficos que demonstram estas interpretações simbólicas.

Quanto a valorização do idoso, parece estar evidente sua importância para a comunidade, já que 100% deles tiveram tratamento diferenciado não só no que se refere à idade, mas também por serem indivíduos femininos. No Vietnã, por exemplo, o *status* do ancião é muito valorizado e o respeito que lhe é conferido durante sua vida deve continuar após sua morte, quando ele se transformará em ancestral a ser cultuado (RODRIGUES, op. cit.). Entre os grupos tribais brasileiros, aos idosos são destinados maior respeito e conseqüentemente maior “poder” frente à comunidade devido à sabedoria que encerram RIBEIRO, 1987b, MELATTI, 1987). Evidentemente, pelas circunstâncias contextuais desses dois casos no horizonte horticultor do sítio, acredita-se na intencionalidade inexorável desses rituais funerários.

Ainda no que se refere ao tratamento do corpo no horizonte horticultor, gostaríamos de assinalar que, se por um lado, os enterramentos femininos do tipo primário foram em maior número, por outro, os do tipo secundário apresentaram um percentual maior de masculinos, demonstrando, pois, uma diferenciação do tipo de tratamento dado a sexos distintos. Embora haja discordância de alguns autores, no sentido de acreditarem que a distinção social em vida, seja ela sexual e/ou etária, possa ser ou não necessariamente reiterada por ocasião da morte, indagamos até que ponto o *status* muda com a morte do indivíduo ou mesmo é omitido. Assim, se um membro do grupo ocupa uma posição de destaque frente à comunidade, acreditamos que isto seria expresso no seu ritual funerário e arqueologicamente identificado através da combinação de uma série de variáveis e de observações contextuais. Como enfatizou BINFORD (op. cit.), quanto maior a importância do indivíduo, maior será o envolvimento da comunidade e maior o dispêndio de energia na realização da cerimônia mortuária, o que parece ter sido o caso dos enterramentos supracitados.

O ritual funerário de cremação tem sido interpretado por alguns autores (MORIN, 1970) como uma forma de evitar o contato com a decomposição do corpo e com os infortúnios dela decorrentes ou mesmo para solucionar questões relacionadas ao espaço habitacional. Além disso, ao fogo utilizado nessas ocasiões seria atribuído um significado especial ou ritual e não mais utilitário. Certamente, por estarmos tratando com categorias simbólicas, especialmente ao nível da pré-história, não podemos afirmar que teriam sido estas as razões ideologicamente definidas pelas comunidades caçadoras-coletoras e horticultoras da Gruta do Gentio II ao

cremarem seus mortos, mas correspondem a algumas reflexões que dentre outras que existem a respeito do tema.

No horizonte caçador-coletor, há uma maior frequência de indivíduos cremados no próprio local, enquanto no horticultor acontece o inverso, sendo o processo crematório propriamente dito realizado em outro lugar, usando-se a Gruta apenas para a redeposição dos restos mortuários (MACHADO, op. cit.). Ademais, a grande maioria dos enterramentos cremados de ambos os horizontes sofre esta intervenção após a decomposição dos tecidos moles (secundário, PDTM). A maior diferença refere-se, pois, ao local de realização da cremação.

A preocupação com os enterramentos de crianças parece significar que mesmo não estando incorporadas ao sistema social e econômico do grupo, elas mereceram um tratamento funerário. Grande parte delas sofreu a intervenção secundária, tanto através de inumação quanto de cremação, que implicaria maior dispêndio de tempo e energia, provavelmente em nível familiar.

No horizonte horticultor observou-se a ocorrência de um enterramento primário (inumação) de criança (n^o 10), parcialmente mumificado, com idade estimada entre 9 e 10 anos com destacada quantidade, qualidade e variedade de vestígios culturais, elaborados em diferentes tipos de matéria-prima (adornos, tecidos, vegetais, etc), demonstrando um extremo cuidado na preparação da cova, que foi forrada de folha e tecidos, e no tratamento do corpo, que foi envolvido por um fardo de couro (FIGURAS 4 e 5). Pela idade na qual se encontrava, supomos que ela já desempenhasse muitas atividades cotidianas de subsistência, participando assim do sistema econômico do grupo horticultor. GREGG (1979-80) tem aventado essa possibilidade ao estudar outras comunidades agrícolas e caçadoras-coletoras. Isto, então, poderia explicar tão diferenciado enterramento. O significado desse tipo destacado de ritual para uma criança poderia estar relacionado também ao *status* herdado, já que nessa idade é improvável que uma criança tenha alcançado distinção pessoal (RENFREW, BAHN, op. cit., p.188).

Além do enterramento anteriormente citado, outros (n^{os} 15, 19, 20, 21, 23, 31, 33, 38, 46, 50, 53, 55, 56, 60 e 90) também de crianças, reforçam o cuidado e não o descaso com os funerais infantis e/ou mesmo a importância dos laços familiares.

O ritual funerário no horizonte horticultor parece ter se caracterizar pelo transporte dos indivíduos em redes ou esteiras, se primários, e em

cestos, se secundários, sendo, então, depositados em covas razoavelmente profundas, forradas por vegetais diversos, especialmente folhas de palmáceas. Alguns enterramentos, também foram recobertos por esse



Figura 4: Enterramento 10 - primário parcialmente mumificado com vasto comportamento funerário. Horizonte Horticultor



Figura 5: Detalhe do enterramento 10 - Fragmentos de couro, tecelagem e extremidade de uma trança com cabelo

mesmo tipo de material vegetal. No caso dos enterramentos primários, parece claro que o corpo era envolvido em peles de animais e tecidos.

A presença de muitos vestígios de alimentos depositados intencionalmente junto aos enterramentos do horizonte horticultor expressa significados importantes: por um lado, a grande quantidade de alimentos cultivados (milho, amendoim) encontrados reafirma que as estratégias de subsistência (subsistema econômico) dessa população tinham se modificado em relação as do horizonte anterior e se tornaram possivelmente a base de sua economia, por outro, a presença de espigas de milho ou de suas sementes sem o sabugo, de amendoim e de cabaças, possíveis recipientes, junto aos indivíduos 4, 9, 10, 12, 16, 18, 28, entre outros, pode simbolicamente assinalar a preocupação da comunidade no sentido de suprir o morto com alimentos para sua longa jornada até a outra vida (cf. RODRIGUES, op. cit., UCKO, op. cit.) ou demonstrar a importância do cultivo de alimentos àquela comunidade cujos exemplares devem acompanhar o indivíduo mesmo depois da sua morte. Segundo RENFREW e BAHN (op. cit., p.187), devemos considerar também que o que é enterrado com o morto não é simplesmente a equivalência exata do *status* ou dos bens materiais pertencentes ao morto ou usados por ele durante a vida. “Os enterramentos são preparados por indivíduos vivos e são usados por eles para expressar e influenciar suas relações com os outros quando ainda vivos tanto quanto para simbolizar ou servir o morto”.

No horizonte horticultor, os acompanhamentos funerários apresentaram-se de forma mais elaborada e em maior quantidade e variedade junto aos enterramentos femininos, muitos constituem peças únicas. Assim, acreditamos na possibilidade da existência de lideranças familiares nas quais o *status* tendia ser herdado através do casamento ou ainda por herança materna, como sugeriu SHENNAN (apud RENFREW, BAHN, ibid., p.188) para um sítio arqueológico estudado por ela na Eslováquia, cujas circunstâncias se assemelham às do sítio em questão.

Os fortes vínculos familiares que perpassam cotidiano das relações sociais, principalmente no horizonte horticultor, parecem explicar as constantes recorrências de enterramentos coletivos, especialmente secundários, associando adultos masculinos e/ou femininos, crianças e adolescentes (n^{os} 1, 2, 5, 11, 13, 16, 18, 22, 25, 29, 30, 32, 39, 42, 43, 47, 48, 52, 54, 57, 58, 61, 62, 64, 65, 67, 73, 81, 83, 86 e 91). Estas pronunciadas recorrências de associações acentuam a idéia de serem enterramentos familiares, isto é, de pessoas que viveram juntas e/ou mantiveram estreitas relações sociais, eco-

nômicas e ideológicas. Sendo assim, não poderíamos deixar de chamar a atenção para o enterramento 11 que *a priori* se destaca pela quantidade, qualidade e variedade de acompanhamentos funerários (5823 contas de sementes, um pendente de osso de crânio de peixe, cento e vinte e uma contas “discoidais” de conchas, tecidos, um pendente lítico “fusiforme”, etc), muitos dos quais são ocorrências únicas entre os enterramentos em geral ou entre os indivíduos femininos. Contudo, foi ao combinar as ocorrências supracitadas com outras variáveis, que percebemos que esse enterramento constituía-se de um adolescente com 19 anos cujo sexo pôde ser diagnosticado como feminino, acompanhado de duas crianças, uma com idade entre 0 e 3 meses e outra, entre 1,5 a 2,5 anos. Consideramos este conjunto como uma ocorrência muito importante, pois pode tratar-se de uma família nuclear.

No horizonte caçador-coletor, a maior associação entre oferendas funerárias e as crianças demonstra a importância das mesmas para o grupo, mesmo quando ainda teoricamente não participavam econômica e socialmente da comunidade. Ademais, também os adultos, principalmente os masculinos, apresentavam acompanhamentos funerários. Dentre eles, destacamos o adulto de sexo masculino (nº 68) que possuía um raspador lítico (FIGURA 6). Entretanto, não observamos, mesmo com as associações entre sexo, idade e acompanhamento funerário qualquer diferença de *status* relacionada à pessoa social simbolizada, ao contrário do que percebemos no horizonte horticultor.

Alguns enterramentos coletivos de adultos e crianças cremados (nºs 36, 44, 74, 75, 77, 80 e 94) também foram observados nesse horizonte, demonstrando possivelmente a manutenção de laços familiares que continuavam após a morte (FIGURA 7). Com salientamos *a priori*, também entre as comunidades caçadoras-coletoras, a unidade básica seria a família.

A comparação entre sexo e idade com estruturas associadas também reiterou uma tendência à diferenciação sexual (masculinos e femininos) e etária (adultos e crianças). Tal observação também foi feita no horizonte horticultor no qual percebemos a mesma tendência.

A disposição espacial dos enterramentos no horizonte caçador-coletor parece demonstrar que essas comunidades procuravam proteger seus mortos, tendo-os depositado na área intermediária e no fundo da Gruta. Nesta última, observamos a presença da grande maioria daqueles sepultamentos coletivos, compostos por adultos e crianças.

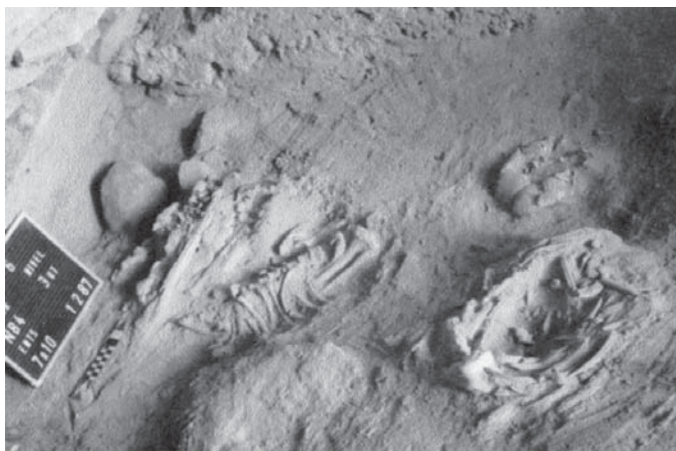


Figura 6: Enterramento 68, 69 (primários simples) e 96 (secundário cremado). Horizonte Caçador-Coletor



Figura 7: Enterramento 94, 94 A - Secundário cremado. Horizonte Caçador-Coletor.

No horizonte horticultor, observou-se a recorrência dos enterramentos mais importantes, tais como o 10 e o 12, depositados no fundo da Gruta, reafirmando-se possivelmente a idéia de maior proteção. A grande maioria, no entanto, está na área intermediária cuja localização protegeria a todos da ação das chuvas, do sol, do vento e dos animais.

Assim, a Gruta apresenta evidências ocupacionais ao longo de todo o período compreendido entre 3.490 e 410 anos A.P. por uma ou mais comu-

nidades horticuloras, mas apenas durante o tempo necessário para a concretização dos rituais funerários que poderia levar dias, semanas ou até mesmo meses. Como entre os grupos indígenas atuais, o período de realização desses rituais na pré-história também pode ser caracterizado não só como momentos de tristeza e dor, mas também ocasiões para o fortalecimento dos laços de amizade e reciprocidade entre os membros do próprio grupo e aqueles de outras aldeias.

A possível prática de experimentação agrícola no local, a elevada densidade demográfica, os elaborados enterramentos primários, os recorrentes secundários e os constantes vestígios de redes, esteiras e cestos junto aos enterramentos que parecem caracterizar transporte sugerem que a comunidade horticultora manteve seu assentamento-base em outra área que não a Gruta, provavelmente nas suas proximidades. Ademais, é muito recorrente que grupos, cuja organização econômica é mais sedentária, não habitem o mesmo local onde enterram seus mortos.

O estudo dos rituais funerários da Gruta do Gentio II forneceu uma série de informações a respeito da sociedade que os produziu e dos indivíduos que nela interagiu. Evidentemente, não atingimos o conhecimento total dessas sociedades caçadoras-coletoras e horticuloras, mas tentamos deprender através dos contextos mortuários um pouco mais sobre seus sistemas de significados e valores.

O potencial do estudo dos rituais funerários é enorme dentro do contexto da arqueologia pré-histórica brasileira. No sítio arqueológico Gruta do Gentio II, muitas informações ainda podem ser obtidas ao proceder um estudo minucioso de cada um dos itens que compõe os acompanhamentos funerários, através dos quais poder-se-á conhecer mais sobre as técnicas de manufatura de tecidos e de tratamento de couro animal na pré-história, sobre a obtenção e a preparação de artefatos líticos, ósseos e malacológicos, a fim de se detectar contatos inter-grupais, e sobre nutrição e dieta na pré-história, a partir da análise química de fios de cabelo, pele e unhas lá preservados. Ademais, um estudo aprofundado dos inúmeros itens vegetais e insetos encontrados junto aos enterramentos poderiam precisar a época do ano em que se realizaram os rituais funerários.

Parece evidente, então, que muitos outros estudos relacionados à Gruta do Gentio II podem e merecem ser concretizados. Se assim o forem, certamente poderemos conhecer muito mais sobre o universo cultural e simbólico das populações caçadoras-coletoras e, principalmente, das horticuloras que habitaram o cerrado brasileiro durante a pré-história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINFORD, L.R. Mortuary practices : their study and their potencial. Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of Society American Archaeology**, New York, n.25, p.208-43, 1972.
- BIRD, M.R., DIAS JR., Ondemar F., CARVALHO, Eliana T. Subsídios para a arqueobotânica no Brasil : O milho antigo em cavernas de Minas Gerais, Brasil. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, n.6, p.14-31, 1991.
- CONSENS, Mario. Arqueologia da ideologia. **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro: CNPq, FINEP, UNESA, 1992. p.10-17.
- COWGILL, George L. Formal approaches in archaeology. In: LAMBERG-KARLOVSKY (ed.). **Archaeological thought in America**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p.74-88.
- DIAS JR, Ondemar F. Evolução da cultura em Minas Gerais e Rio de Janeiro. **Anuário de Divulgação Científica**. Goiânia, n.3/4, p.110-30, 1976/77.
- DIAS JR., Ondemar F., CARVALHO, Eliana T. Discussão sobre os inícios da agricultura no Brasil. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo horizonte, v.6/7, p.191-8, 1981/2.
- GARDIN, Jean-Claude. Semiotic trends in archaeology. In: GARDIN, PEEBLES (eds.). **Representations in archaeology**. Bloomington: Indiana University Press, 1992. p.87-104.
- GREGG, S. A. A material perspective of tropical rainforest hunter-gatherers: the Semang of Malaysia. **Michigan Discussions in Anthropology**, hunter-gatherer studies, Ann Arbor, v.5, n. 1/2, p.117-36, 1979-80.
- KNEIP, Lina M., MACHADO, Lilia Cheuiche Machado C. A cremação e outras práticas funerárias em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro: CNPq, FINEP, UNESA, 1992. v.2, p. 459-67.
- . Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ: Sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha. **Documento de Trabalho**, Rio de Janeiro, n.1, p.1-76, 1993.

- MACHADO, L.C. Análise dos remanescentes ósseos humanos do sítio arqueológico Corondó, RJ, aspectos biológicos e culturais. **Bol. do Inst. de Arqueol. Brasil.** (Série Monog.), Rio de Janeiro, n.1, p.1-425, 1984.
- . Sobre as práticas de funerárias de cremação e suas variações em grutas do norte e noroeste de Minas Gerais. **Revista do CEPA**, Rio Grande do Sul, v.20, n.17, p.235-47, 1990.
- . Biologia de grupos indígenas pré-históricos do sudeste do Brasil. As tradições Itaipu e Una. In: MEGGERS, B. (ed.). **Prehistoria sudamericana**, nuevas perspectivas. Washington D.C.: Taraxacum, 1992. p.77-103.
- MACHADO, Lilia M.C.. Tendências à continuidade e mudança em ritos funerários de populações pré-históricas do estado do Rio de Janeiro. In: BELTRÃO, Maria C. **Arqueologia do estado do Rio de Janeiro**. Niterói: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1995. p. 111-18.
- MACHADO, Lilia M. C., SENE, Glaucia A. M., SILVA, Laura P. R. Estudo preliminar de ritos funerários do sítio do Caju, RJ. **Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. UFPB, João Pessoa, Paraíba, 1993. p.75-90.
- MACHADO, Lilia M. C., SILVA, Laura P. R., SENE, Glaucia A. M. Padrões mortuários e adaptação ecológica. Tradição Una, RJ. **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. UNESA, Rio de Janeiro, 1991. v.2, p.476-83.
- MELATTI, Júlio. **Índios do Brasil**. São Paulo: Hucitec, Brasília: Universidade de Brasília, 1987. Cap.10.
- MENESES, Ulpiano B. A cultura material no estudo das sociedades indígenas. **Revista de História** (Nova Série), São Paulo, n.115, p.103-17, jul./set. 1983.
- MENEZES, Rosângela. **Sociedade e tecnologia lítica**, aspectos de ocupações pré-históricas no município de Varzelândia, Minas Gerais. Tese (Doutorado) $\frac{3}{4}$ Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- MIRES, Ann Marie W. **Sifting the ashes: reconstruction of a complex archaic mortuary program in Louisiana**. p. 114-30, s/d.
- MOLINO, Jean. Archaeology and symbol systems. In: GARDIN, PEEBLES (ed). **Representations in archaeology**. Bloomington: Indiana University Press, 1992. p.15-29.
- MONTARDO, Deise L. O. **Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas**, reflexões iniciais. Tese

- (Mestrado) — Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, RS, 1995.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2 ed. Mem Martins, Portugal: Europa-América, 1970.
- NEWTON, Dolores. Introdução — cultura material e história cultural. In: RIBEIRO, D (ed). **Suma etnológica brasileira**, tecnologia indígena. 2 ed. Petrópolis: Vozes, FINEP, 1987. v.2, p.15-26.
- PEEBLES, Christopher S. Rooting out latent behaviorism in prehistory. In: GARDIN, PEEBLES (ed). **Representations in archaeology**. Bloomington: Indiana University Press, 1992. p.357-84.
- PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.
- PROWN, Jules D. The truth of material culture: history or fiction? In: LUBAR, KINGERY (ed). **History from things**, essays on material culture. Washington: Smithsonian Institution, 1993. p.1-19.
- RENFREW, Colin, BAHN, Paul. **Archaeology**, theories, methods and practice. London: Thames and Hudson, 1996.
- RIBEIRO, Berta G. Introdução — a linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, D (ed). **Suma etnológica brasileira**, arte índia. 2 ed. Petrópolis: Vozes, FINEP, 1987b. v.3, p.15-28.
- RODRIGUES, José C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. 296 p.
- SALMON, Wesley C. Causality in archaeological explanation. In: RENFREW, ROWLANDS, SEGRAVES (ed.). **Theory and explanation in archaeology**. Academic Press, 1982. p.45-55.
- SAXE, A. A. **Social dimensions of mortuary practices**. PhD Thesis, University of Michigan, 1970.
- STICKEL, E. Gary (ed.). New uses of systems theory in archaeology. **Anthropological Papers**, Los Altos, California, n.24, p.5-40, 1982.
- TAINTER, Joseph A. Social inference and mortuary practices: an experiment in numerical classification. **World Archaeology**, v.7, n.1, p.1-15, 1974.
- TRIGGER, Bruce G. **A history of archaeological thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- UCKO, Peter J. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. **World Archaeology**, n.1, v.2, p.262-80, 1969.
- VAN GENNEP, A. **The rites of passage**. Chicago: University of Chicago, 1996 [1932].

WRIGHT, Rita P. Technological styles: transforming a natural material into a cultural object. In: LUBAR, KINGERY (ed). **History from things**, essays on material culture. Washington: Smithsonian Institution, 1993. p.242-69.